

# **Dr. Michael Harbin, Justiça Social para Desajustados Sociais no Antigo Israel, Parte 2, Viúvas, Órfãos e Residentes Estrangeiros Definidos**

© 2024 Michael Harbin e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Michael Harbin em seu ensinamento sobre Justiça Social para Outliers Sociais no Antigo Israel. Esta é a parte dois, Viúvas, Órfãos e Residentes Estrangeiros Definidos.

Shalom, eu sou Michael Harbin, e estamos continuando nossa apresentação sobre justiça social e outliers sociais no antigo Israel.

Esta sessão em particular será sobre Viúvas, Órfãos e Residentes Estrangeiros, e vamos definir os termos. Na parte um, nós olhamos para a cultura israelita durante o final da Idade do Bronze, extraindo do texto do Antigo Testamento, arqueologia, etnoarqueologia e um pouco de culturas comparativas. Observamos que a cultura israelita daquele período consistia principalmente de vilas, às vezes chamadas de cidades no texto, que descrevemos como habitações muito próximas, cercadas por um campo comum ou área agrícola, que era dividida em porções de propriedade individual.

Nossa premissa era que a estrutura social resultante produziu as normas culturais que fundamentam muitos dos relatos narrativos do Antigo Testamento, incluindo especialmente o relato de Rute. Embora Deus tenha prometido abençoar a nação para que ela prosperasse, Ele também deixou claro desde o início que a nação nunca alcançaria esse status. Sempre haveria pessoas de fora que lutariam economicamente.

Essa tensão é exemplificada em Deuteronômio 15 e sua discussão sobre o ano sabático, que promete que não haverá pobres entre vocês em 15:4, embora com a ressalva de que o povo tinha que obedecer e avisa que os pobres nunca deixarão de estar na terra em 15:11. Essa tensão demonstra uma dicotomia entre o ideal baseado na obediência total e a realidade resultante da desobediência contínua. Em Sua misericórdia, Deus forneceu uma rede de segurança de justiça social na Torá para auxiliar indivíduos e famílias que enfrentam adversidades, independentemente do motivo. No entanto, dados os fortes laços familiares e os grupos familiares estendidos que vivem nas proximidades de uma aldeia, que observamos na Parte 1, alguém se pergunta por que o Antigo Testamento destaca viúvas e órfãos para provisões especiais de justiça social.

Da mesma forma, dada a separação rigorosa ordenada com relação aos não-israelitas, é preciso também se perguntar não apenas que as disposições especiais de justiça social foram fornecidas para viúvas e órfãos, mas também para eles, e que eles são regularmente incluídos com as viúvas e os órfãos como uma tríade, que abreviei como esta frase, WORA. Viúvas, Órfãos, Residentes Estrangeiros. Para facilitar o manuseio, usaremos esta palavra de quatro letras.

Richard Hiers inclui os três grupos como escravos com classes de pessoas que são especialmente vulneráveis porque não têm meios independentes de sustento. Embora isso pareça razoável, e vemos aspectos disso em casos como Noemi e Rute, bem como a viúva de Sarepta associada a Elias, parece olhar através da situação através de uma lente cultural ocidental de famílias nucleares. Em nossa cultura ocidental, pensamos em famílias nucleares como basicamente duas gerações, pais e filhos, como mostrado nesta imagem.

Por uma questão de economia, incluo isso como um filho de cada, mas o número pode variar de um filho a meia dúzia ou mais e uma variedade de homens e mulheres. A cultura hebraica tinha uma perspectiva diferente. Primeiro, devemos abordar uma concepção comum de que famílias grandes eram a norma para Israel durante aquela era.

Um exemplo importante é Jacó, cuja família consistia de 70 quando ele se mudou para o Egito, sem incluir suas esposas. No entanto, esse número, ou as esposas de seus filhos, foram especificamente isentas. Esse número incluía várias esposas para Jacó e não incluía apenas filhos, mas também netos em Gênesis 46.7. Outro aspecto ou exemplo é Gideão, que é registrado em Juízes 8.30 como tendo 70 filhos.

Embora esse texto não mencione explicitamente netos, a palavra traduzida como filhos aqui inclui ou pode se referir a netos, como no caso de Jacó. Essa passagem também registra que Gideão teve muitas esposas, embora não nos seja dito quantas. Quando olhamos para isso no contexto mais amplo, descobrimos que parece haver exceções.

O pai de Jacó, Isaque, teve um par de gêmeos, Jacó e Esaú. O pai de Isaque, Abraão, teve um filho por meio de sua esposa, Sara, e um segundo por meio de sua concubina. Por causa de sua longa vida, ele gerou mais seis filhos por meio de uma terceira esposa, Quetura, depois que Sara morreu.

Mas mesmo quando consideramos Jacó, sua primeira esposa Lia teve seis filhos, e as outras três esposas tiveram apenas dois cada. Raquel morreu no parto após o segundo filho. E embora não nos seja dito quantas filhas eles tiveram, parece haver algumas.

Quando olhamos para os juízes que viveram durante o período que estamos estudando, vemos extremos. Gideão teve 70 descendentes por meio de muitas esposas, mas Sansão não teve nenhuma. Ele morreu cedo.

Jefté teve apenas uma filha. Elimeleque, marido de Noemi, teve apenas dois filhos, e nenhum dos filhos teve filhos, embora fossem casados. Philip King e Lauren Steger, em sua vida no Israel bíblico, estimam, a partir da evidência geral, que as mulheres israelitas tiveram em média quatro nascidos vivos.

Isso sugeriria uma família nuclear básica de seis, mas eles sugerem que a mortalidade infantil reduziu a família para quatro. É isso que temos em nosso diagrama aqui. A premissa deles, eu acho, parece ser alta.

Deixe-me reformular isso. A premissa deles parece ser a de uma alta taxa de mortalidade infantil, que parece 50%, três a quatro anos entre as concepções, por causa da amamentação, combinada com um período mais curto de fertilidade. Eu sugeriria que a taxa de mortalidade infantil de 50% é alta, e os dois últimos números, assim como o número de concepções, parecem baixos.

Então, pessoalmente, estou mais familiarizado e mais confortável com uma família básica consistindo de quatro a seis filhos sobreviventes. Família nuclear típica, então, de seis a oito. Agora, eu coloco um ou dois filhos e duas filhas.

Poderia ser qualquer combinação. Outro ponto de contraste entre a cultura hebraica e nossa cultura ocidental moderna é uma norma que parece evidente para este período, à qual já aludimos. Esse item é que, na maioria das vezes, a família consiste em três gerações.

Os avós, ou o avô sobrevivente, mais frequentemente a avó, viviam com o filho, e sua esposa, e seus filhos. Para contrastar isso com nossa concepção de uma família nuclear de duas gerações, adotei o título de família molecular para mostrar uma estrutura mais típica para Israel — homem e mulher, pais do homem, e então filhos.

A linha de base social desenvolvida na parte um fornece um contexto importante, então vamos nos lembrar de algumas observações básicas. Vários estudos indicam que uma família típica teria consistido de um homem crescendo dentro de uma determinada aldeia, onde ele teria aprendido a trabalhar a terra de seus ancestrais, que para Israel era em grande parte a terra que Deus havia dado à nação na época do assentamento. Ele teria se casado com uma mulher do mesmo grupo de parentesco, provavelmente da mesma aldeia ou de uma muito próxima.

A esposa teria se mudado para a casa do marido, e esse arranjo parece ser o que o Antigo Testamento chama de casa do pai ou casa do pai. Inicialmente, parece provável que o casal residisse na mesma casa composta em que seus pais viviam.

Supondo que ambos os cônjuges sobrevivessem até o ponto em que seus filhos atingissem a idade adulta, e tivessem um casamento com filhos próprios, teria havido uma mudança no relacionamento à medida que os pais, ou na verdade, agora os avós, teriam envelhecido.

A transição para isso pode ter sido gradual se ambos os pais sobreviveram, mas não foram mais capazes de trabalhar tão rigorosamente quanto antes, ou pode ter sido bastante repentina com a morte de um dos avós. Dado o que é visto como uma diferença típica de idades entre os cônjuges, muitos estudiosos sugerem que as esposas normalmente teriam de 10 a 15 anos mais novas que seus maridos. O cônjuge sobrevivente era mais provavelmente a viúva.

Nesse caso, se o filho mais velho não estivesse já administrando a fazenda, ele assumiria essa responsabilidade, e seria provável que tivéssemos uma família molecular como essa. Perdi um slide ali. Com base nisso, na cidade ou vila, haveria muitos relacionamentos com outras famílias, e nós simplesmente pulamos para isso.

Essa situação seria muito complexa, e o nível nevox seria uma família estendida, parentes ligados. Para nossos propósitos, podemos considerar as inter-relações entre famílias moleculares. Isso entra em tias, tios e primos, ou pelo menos primos de primeiro grau, e pode ser chamado de famílias estendidas.

Este gráfico é baseado no material de Levítico 18, que lista diferentes mulheres com as quais um homem israelita teria sido proibido de ter relações sexuais. No meu próximo comentário sobre Levítico, eu rotulo isso de família estendida porque parece denotar certos relacionamentos para os quais relacionamentos sexuais eram proibidos e, portanto, o casamento seria proibido. Este gráfico nos leva pelo menos aos primos de segundo grau.

Esse seria o primeiro lugar em que o casamento poderia ser considerado uma opção viável. Hoje, pensamos no tecido social como uma coleção de unidades familiares, muitas vezes nem mesmo das mesmas partes do mundo, muito menos sendo intimamente relacionadas. Para o Israel do Antigo Testamento, estabelecido na terra, a maioria desses relacionamentos seria na mesma aldeia ou em outras aldeias nas proximidades.

Da nossa nova perspectiva, esse padrão coloca nova ênfase no conceito de parente de sangue. Claramente, o tecido social da cultura teria sido intimamente unido, produzindo uma situação em que uma ruptura no tecido social teria implicações generalizadas. O modelo que gosto de usar para isso é uma colcha.

Enquanto pensava nisso, escolhi um padrão que minha mãe fez para cada um dos netos como presentes de casamento para quando eles se casassem. O padrão é chamado de aliança de casamento, e escolhi isso por causa da maneira como os

vários elementos se entrelaçam para fornecer um padrão geral que pode ser estendido indefinidamente. A premissa com a qual estou trabalhando, no entanto, é que a justiça social do casamento tem a intenção de preservar o tecido social.

Veremos esse modelo de tecido social com mais detalhes nas partes três e quatro. Na cultura israelita, parece ter havido dois níveis mais altos de estrutura social como parte da nação. Esses eram um clã e, então, a tribo.

Não entraremos neste estudo, pois, nas áreas de justiça social, parece que a maioria das interações tem sido no nível vila-cidade e esses aspectos da família estendida. Arqueologicamente, Uzi Avner sugere que algumas evidências de famílias estendidas seriam de cerca de 25 pessoas, conforme olhamos para isso. Isso começa a criar uma estrutura social complexa.

Este slide mostra alguns dos vários relacionamentos envolvidos, e cada uma dessas figuras ao redor do homem e sua esposa representa outra família. Então, você pode começar a ver como todos eles interagem. Ao olharmos para este gráfico complexo, lembre-se de que há muitas variações disso, especialmente se mais irmãos estiverem envolvidos em qualquer nível.

Além disso, muito provavelmente, todos esses parentes viveriam na mesma cidade e ou pelo menos em algumas das aldeias ao redor dela. O ponto é que, se um homem morresse, a viúva sobrevivente teria uma rede de parentes em sua comunidade que deveria fornecer apoio de várias maneiras. Quando começamos a falar sobre viúvas, uma coisa que muitas vezes não é considerada é a frequência com que ela perdia o marido.

Se ela fosse mais jovem, então o novo casamento era uma possibilidade. Se a Torá for seguida e seu marido tiver um irmão, então o irmão deve se casar com ela. Se ela não tiver filhos, isto é, se ela não tiver filhos já.

Se ela tivesse filhos, então parece ter sido esperado que os filhos lhe dessem segurança na velhice. Isso seria especialmente o caso se os filhos fossem casados. Na verdade, se a viúva fosse mais velha, então pode muito bem ter sido que ela já estivesse vivendo com um filho.

Vários estudos sugerem que esse é o padrão esperado. Uma viúva viveria com seus filhos casados que herdaram e agora estão trabalhando na terra da família. Assim, para muitos israelitas, a família que eles teriam experimentado enquanto cresciam teria sido algo assim.

Um homem e sua esposa, talvez quatro filhos, uma mãe e uma sogra. Com essa expansão no material, vamos definir três grupos outliers principais — primeiro, a viúva.

Já notamos que, na maioria dos casos, uma viúva estaria vivendo com seu filho adulto, é claro, dependendo de sua idade. Se for esse o caso, mesmo que houvesse prováveis exceções, por que o texto dá uma declaração geral sobre as disposições para viúvas? E quando se considera órfãos, a questão fica mais complicada. Dada a proximidade residencial e os laços familiares estendidos apresentados na Parte 1, como um órfão poderia cair nas rachaduras de modo a ficar totalmente sem o apoio necessário nas disposições citadas no texto? Além disso, por que Victor Matthews e Don Benjamin, em seu estudo do mundo social do antigo Israel, sugerem que viúvas e órfãos eram legalmente desabrigados, sem qualquer status social, político ou econômico? Na verdade, eles os categorizaram como prostitutas.

Mulheres limitadas. Isso é problemático por várias razões. Primeiro, parece assumir que todos os órfãos eram mulheres.

Segundo, eles nunca abordam o terceiro grupo, os estrangeiros residentes, que parecem geralmente ter sido homens. Terceiro, sua categorização pressupõe que todos os três eram desabrigados. Como já observado, uma viúva provavelmente vivia com seus filhos adultos.

Mesmo que não fosse esse o caso, como observado na Parte 1, uma viúva não era necessariamente uma sem-teto. O mesmo é verdade para um estrangeiro residente. Além disso, o próprio conceito de sem-teto é problemático.

A falta de moradia não era desconhecida no mundo antigo, mas sua caracterização parece muito diferente de como a entendemos hoje. A falta de moradia moderna parece ser um produto de sociedades urbanas, um tanto industriais. Em sociedades predominantemente agrícolas com regiões grandes e despovoadas, uma pessoa sem-teto poderia desaparecer nas regiões instáveis ou vagar de vila em vila, trabalhando como um trabalhador itinerante.

O material bíblico sugere que ambos ocorreram no antigo Israel. De fato, dois exemplos-chave são atribuídos no período que estamos estudando. O primeiro seria Davi.

Quando ele fugiu de Saul, ele, junto com seus seguidores, foi aonde quer que pudessem ir para o deserto com fortalezas e permaneceu na região montanhosa no deserto de Zife em 1 Samuel 23. Hoje, podemos dizer que eles estavam acampando ou talvez passando por dificuldades. Em essência, eles estavam vivendo da terra, muitas vezes ficando em cavernas, não dormindo ao longo das ruas de uma cidade.

Até agora, não vi nenhuma evidência de um israelita fazendo um acampamento semipermanente ao longo de uma rua principal em Jerusalém durante a Idade do Ferro. O segundo exemplo seria Jonathan Ben Gershom, um levita de Belém durante

o período de Juízes. Juízes 17.8 relata como ele deixou Belém para, entre aspas, ficar onde quer que pudesse encontrar um lugar, entre aspas.

Ele acabou no país montanhoso de Efraim, onde recebeu um lugar para ficar e um emprego servindo como sacerdote para Micah. Para estes, na cultura americana, hobo pode ser um termo ou análogo melhor. Embora não seja um alienígena, Jonathan parece exemplificar esta provisão de alienígena residente do Antigo Testamento.

JA Thompson simplesmente categoriza viúvas, órfãos e estrangeiros residentes como pobres, o que parece bastante óbvio, já que as disposições prescritas para melhorar seu status eram econômicas. No entanto, isso realmente não aborda por que eles eram pobres. JB McConville apresenta uma nuance ligeiramente diferente quando afirma que, entre aspas, eles não eram estritamente os mesmos que os pobres, entre aspas, mas sim aqueles cuja posição legal independente pode não ser reconhecida.

Embora outras sugestões tenham sido feitas, a questão permanece: o que eles tinham em comum na cultura israelita que merecia consideração especial? Para responder a isso, primeiro definiremos cada grupo e, em seguida, avaliaremos o que os três tinham em comum. Viúvas. Por definição, a palavra inglesa widow denota uma, entre aspas, mulher que perdeu o marido para a morte e não se casou novamente.

O hebraico é mais complexo. Enquanto a palavra em inglês é mais comumente uma tradução da palavra hebraica almanah , a situação é mais complexa. Em um artigo apresentado na Universidade de Harvard em 2003, Naomi Steinberg observa que há, na verdade, três palavras hebraicas que são traduzidas como widow.

Temos o almanah , que significa simplesmente viúva. Temos o ishah almanah , que pode ser melhor traduzido como uma mulher viúva. E então temos o eshet hamat , que na verdade é melhor traduzido como a esposa do homem morto ou a esposa do morto.

Ela distingue os três com base na propriedade e nos recursos econômicos. Os dois últimos são categorizados como indicando uma viúva que herdou, como ela diz, propriedade sobre a qual ela tem controle. Ela explica o status das duas últimas categorias, a ishah almanah e o eshet hamat , como segue, citação, citação, a segunda categoria tem direitos de resgate na propriedade ancestral de seu marido, que ela exerceu por meio de seu filho.

Essa é a segunda categoria, uma mulher viúva, enquanto a esposa do homem morto morreu, entre aspas, antes de gerar um herdeiro para exercer os direitos de resgate de suas posses ancestrais, fim das aspas. Esse é um conceito interessante, que vai contra nossa compreensão típica da propriedade da terra e dos direitos das

mulheres. Embora ela pareça apoiar sua distinção, é uma área que poderia usar mais trabalho, especialmente com uma compreensão mais sutil do contexto socioeconômico que fornecemos na primeira parte.

Em contraste, uma *almanah* é considerada uma viúva em situação de miséria, que pode ter parentes homens vivos, parentes homens adultos que são, entre outras coisas, muito pobres ou não estão dispostos a lhe oferecer apoio econômico. Hofner argumenta que uma *almanah* poderia possuir terras, que poderiam ser convertidas ou um objeto de apropriação fraudulenta. As distinções de Steinberg não respondem a todas as perguntas.

Por exemplo, como alguém chamaria uma mulher que criou sua família antes de perder o marido e agora estava vivendo com um filho casado e família, o que parece ter sido a norma social? Além disso, se a viúva tivesse o controle da propriedade da família, tivesse ou não um filho adulto, por que haveria tal imperativo para as leis de coleta? Se uma viúva não tivesse o controle da propriedade da família após a perda do marido, ela e quaisquer filhos mais novos com ela ficariam realmente sem teto em uma vila onde ela fazia parte de uma família extensa e de um grupo de parentesco ainda maior, já que provavelmente tinha sido um casamento endogâmico? Em qualquer caso, a perda do marido colocou a família em uma situação mais precária, já que o principal alimento básico para os israelitas eram os cereais, principalmente trigo e cevada. Estes exigiam o árduo processo de arar e semear, um processo que exigia maior força física do homem. Mesmo que a viúva tivesse o controle da terra, se ela não fosse capaz de arar a terra, ela era essencialmente inútil.

Por outro lado, se a esposa morresse primeiro, talvez no parto, o marido provavelmente teria se casado novamente. Caso contrário, como ele teria provido as necessidades domésticas? Mas isso está além deste estudo. Uma provisão da lei do Antigo Testamento feita é que se um homem morresse e deixasse sua esposa, aqui chamada de esposa do morto, sem filhos, é o casamento levirato.

Está em Deuteronômio 25, e discutiremos mais sobre isso na parte quatro. Como o propósito era fornecer um herdeiro, o casamento levirato não pareceria ser um fator se a viúva tivesse filhos. Ou se a viúva já tivesse passado da idade de ter filhos, como Noemi.

Em vez disso, a viúva mais velha com um filho adulto seria parte da família estendida. Se a criança fosse menor de idade, então as disposições da viúva em Levítico poderiam ser vistas como uma ponte até que a criança tivesse idade suficiente para cuidar de sua mãe. Se a viúva sem filhos já tivesse passado da idade de ter filhos, essa é uma história diferente.



O livro de Rute aborda algumas dessas questões, e vale a pena rever alguns aspectos-chave das questões legais envolvidas. Noemi era viúva de Elimeleque, mas, por causa da idade, ela parece estar fora da qualificação para o casamento do levirato. E, conseqüentemente, ela não poderia ficar sob a provisão de viúva, embora a disposição da terra de Elimeleque possa ser uma questão em aberto.

Não temos nenhuma evidência para abordar isso. O caso de Ruth seria mais complicado. Embora debatido, parece que a situação dela era um exemplo de casamento levirato.

No entanto, a verdadeira viúva do proprietário de terras era Noemi, que não só havia perdido o marido, mas ambos os filhos. Além disso, os filhos de Noemi tinham se casado com estrangeiras, moabitas. Rute, que havia sido casada com Maclã, um dos filhos de Noemi, também era viúva.

Apesar da declaração em Deuteronômio 2:3 de que nenhum moabita poderia entrar na assembleia do Senhor, o retorno de Rute a Belém com Noemi aparentemente permitiu direitos legais não especificados. Tentativamente, a situação da terra pode ser colocada como segue. De acordo com o texto em inglês em Rute 4:3, Noemi iria vender parte da terra que pertencia a Elimeleque.

O que isso significa não está claro. Em todo caso, de acordo com o texto, para Noemi obter o uso da terra de volta, ela teve que, entre aspas, resgatá-la. Digo que isso não está claro porque a terra não podia ser vendida.

Portanto, a maioria dos estudiosos pensa que o que realmente estamos lidando é com um arrendamento de terra, pelo menos até o tempo do Jubileu, que eu estudo em outro lugar. Isso sugeriria que na viúva de Elimeleque, ela tinha o controle da terra. Em um sentido prático, isso realmente não importava, já que eles chegaram a Belém no início da colheita da cevada.

Não é hora de semear. Você não consegue colher nada, o que significa que a terra era basicamente inútil para Noemi até pelo menos a próxima estação de plantio, independentemente de ela conseguir cultivá-la. Em um sentido legal, no entanto, parece que, como Elimeleque tinha filhos, eles tinham o direito de herança e subsequente passagem da terra, mesmo que estivessem mortos.

Embora nenhum dos filhos tivesse filhos, ambos se casaram. Assim, ao retornar à terra, Rute entrou em cena como a viúva em idade fértil de um herdeiro legítimo. Esta parece ser a razão pela qual, na situação complicada, Boaz afirmou ao parente não identificado que a terra precisava de redenção, isto é, precisava de um goel, um parente redentor, e que este parente, o goel, também seria obrigado a se casar com Rute.

A expectativa normal seria que, por meio do casamento levirato, ele precisaria se casar com Noemi, mas, aparentemente, como ela já estava além da idade de ter filhos, o parente provavelmente presumiu que não era mais esse o caso, e então Boaz afirmou que a exigência foi transferida para Rute, e então Boaz concordou em comprar a terra. No processo, ele adquiriu a propriedade de Macklin e Killian e Rute como esposa, aspas, para levantar o nome do falecido em sua herança, fim das aspas. É esta última declaração que indica mais fortemente que o casamento foi funcionalmente um casamento levirato, pois Boaz estava concordando que a herança seria um limbelex .

É sugerido que somente após o nascimento de um filho de Boaz e Rute é que Noemi é elogiada pelos moradores locais porque ela agora, “não está sem um redentor”. Em essência, esses vizinhos apontam que uma das funções desse filho era ser um sustentador de sua velhice. Até este ponto, a suposição tem sido que a viúva a quem se dirige é uma mulher israelita.

Como vimos, isso apresenta problemas. Apresenta problemas com relação à situação base, que presume que a viúva seria sustentada por seu filho ou parente que herdou a terra da família. Também notamos que a separação do domicílio da terra agrícola real produziu a possibilidade de que a viúva pudesse permanecer na casa de seu marido independentemente do status da terra.

Uma alternativa que é virtualmente ignorada é a possibilidade de que a almanah não fosse israelita, nem seu falecido marido. O prefeito Salzberger, em seu estudo sobre o trabalho em Israel, argumenta que o estrangeiro ou residente estrangeiro, o ger, era descendente de um cananeu residente que permaneceu na terra após a conquista. Embora os israelitas não tivessem permissão para vender suas terras, o mesmo não se aplicava ao remanescente cananeu.

Embora tenham sido assimiladas posteriormente à cultura israelita, esse pode se tornar o caso naquele ponto. Como tal, Salzberger argumenta que a viúva, a almanah , seria a viúva de um cananeu sem terra, o que a colocaria em uma situação economicamente precária. Se esse fosse o caso, isso explicaria por que essa pessoa não se encaixava nos critérios esperados de apoio comunitário.

Também tornaria a advertência para os israelitas fornecerem a oportunidade de apoio econômico ainda mais profunda e talvez até sugestiva em relação à aceitação de Rute quando ela aproveitou essas oportunidades e coletou.

Órfãos. Nossa segunda categoria é órfão. Embora o termo órfão pareça direto, a tradução em inglês tem uma conotação diferente da hebraica. A palavra inglesa órfão normalmente denota uma criança que perdeu a mãe e o pai, que é a conotação que muitos comentários em inglês assumem. Consequentemente, embora à primeira vista a situação pareça óbvia, há várias questões.

De uma perspectiva prática, se uma criança israelita perdeu ambos os pais, onde essa criança vivia? Se ela foi acolhida por parentes, por que esses parentes não deveriam prover para a criança em vez de exigir que ela saísse para recolher e obter comida? Já que uma das provisões para órfãos era a coleta, em que idade a criança deveria realizar esse trabalho árduo? Sob essas condições, que esperança essa criança tinha na vida caso chegasse à idade adulta? Dadas essas questões, é necessário um olhar mais profundo. A palavra hebraica traduzida como órfão é realmente entendida como uma criança que perdeu seu pai, uma conotação que se perde na tradução. Por exemplo, o livro de palavras teológicas do Antigo Testamento traduz *yatam* como órfão ou sem pai, embora sua discussão não aborde a diferença, e pareça ver o termo principalmente como uma criança que perdeu ambos os pais.

O léxico Brown-Driver-Briggs apenas fornece a tradução de órfão. No final de sua entrada, porém, ele diz, citação, Em nenhum caso está claro que ambos os pais estão mortos, fim da citação. De uma perspectiva sociológica, na antiga cultura israelita, parece que sem pai, e órfão teria o mesmo peso, referindo-se especificamente a uma criança que não tem ninguém para defendê-la.

Contextualmente, é interessante que o órfão pareça estar conectado com a viúva. Eles parecem estar sempre ligados. Isso sugere uma situação em que uma mulher perdeu o cônjuge, mas tinha filhos menores de idade e estava tentando criá-los sozinha.

À luz da discussão anterior, essa mulher não seria tecnicamente elegível para um casamento elaborado porque ela tem filhos que deveriam cuidar dela na velhice. Consequentemente, conclui-se que a conexão consistente de órfãos com viúvas indica uma família monoparental chefiada pela mãe trabalhando em conjunto para reunir alimentos para sobreviver. Não, eu não tenho isso.

O que não está claro no caso dos órfãos é a questão da terra. Parece que mesmo que o pai morresse, a terra permaneceria na família, provavelmente sob o controle legal da viúva, como sugerido para Noemi. As filhas de Zelofeade fornecem uma precedência em Números 27.

Zelofeade não tinha filhos, e suas filhas estavam preocupadas que seu pai não perderia sua herança na terra, e então elas foram até Moisés. O resultado foi uma diretriz de Deus de que se um homem morre e não tem filhos, então você deve transferir sua herança para sua filha. Se ele não tem filha, então você deve dar sua herança para seus irmãos.

E se ele não tiver irmãos, então vocês darão a herança dele aos irmãos do pai dele. Se o pai dele não tiver irmãos, então vocês darão a herança ao parente mais próximo dele na própria família dele, que seria uma família extensa, e ele a possuirá. Em um

caso como esse, a expectativa seria que quando o órfão atingisse a idade adulta, ele ou ela herdaria a terra e continuaria a trabalhá-la.

No entanto, se esse fosse o caso, então por que o órfão estaria coletando? Pode haver evidências de como as habilidades físicas afetaram questões como papéis de gênero dentro daquela cultura. De acordo com o Center for Economic Policy Research, historicamente, um fator nos papéis de gênero era o uso do arado. Arar solo inclinado requer força significativa na parte superior do corpo, força de preensão e uma explosão de potência, que é necessária para puxar o arado ou controlar o animal que o puxa.

Pode ser então que não se esperasse que uma mulher solteira, isto é, uma viúva ou uma criança menor, tivesse a capacidade física de preparar os campos para o plantio, exigindo assim outra assistência. Mais tarde, veremos que uma das provisões para a viúva e a criança órfã era recolher ou participar da colheita. Embora certamente exija fisicamente, não exigia a mesma força da parte superior do corpo que arar.

Deuteronômio 14:29 pode conter outro fator quando menciona a viúva; desculpe, ele menciona que o órfão e a viúva que estão em sua cidade são literalmente seus portões. Assim, os dois são mencionados juntos. Parece corroborar as conclusões acima de que a referência é aos órfãos em oposição aos verdadeiros órfãos, e a frase em sua cidade em oposição a em sua terra pode antecipar um futuro projetado, uma cultura mais complexa onde alguns elementos da sociedade não mais ganhavam a vida primária com a agricultura.

Se esse fosse o caso, então o órfão e a viúva a quem se dirigem poderiam ser uma família que não tinha terra para cultivar. Nosso último termo hebraico é estrangeiros residentes. O grupo de vidro é chamado de ger, traduzido como estrangeiro na King James, peregrino na ESV ou no padrão revisado, a English Standard Version ou o padrão revisado, ou estrangeiro na American Standard ou na New International Version.

A palavra significa peregrino. O estrangeiro residente deve ser distinguido de um estrangeiro, um nakri ou nakar, no sentido de que ele ou ela estaria residindo na terra em vez de visitá-la. Daí o termo estrangeiro residente.

Residentes estrangeiros têm privilégios e responsabilidades além dos estrangeiros, mas menos do que os nativos. David Barker, em seu livro *Tight Fist or Open Hands*, expande isso afirmando, citação, o status do residente estrangeiro está em algum lugar entre o dos nativos e os estrangeiros, e residentes estrangeiros individuais podem ser incorporados à comunidade tornando-se membros dependentes de uma família israelita, sob a proteção do chefe da família, e ele cita Êxodo 20. Isso pode explicar a situação de Rute.

Em termos de etnia, o Antigo Testamento apresenta várias categorias de indivíduos que viveram permanentemente na terra, mas que não eram descendentes de Jacó. O primeiro grupo foi a multidão mista que subiu do Egito em Êxodo 12. Como Douglas Stewart aponta em seu comentário, o versículo em Êxodo, citação, confirma que os israelitas do Êxodo e depois eram, na verdade, um povo misto etnicamente.

Outras vertentes étnicas do Êxodo incluíam os egípcios, como observado em Levítico 24:10. Os cuxitas em Números 12, os quenezeus em Josué 14 e, aparentemente, outros não nomeados. Embora não fossem descendentes de Jacó, parece que esses grupos foram absorvidos por tribos étnicas no Sinai. Eles então compartilharam a divisão de terras após a conquista e, portanto, seus descendentes foram incluídos com os israelitas nativos em citações posteriores.

Por exemplo, Caleb, descrito como um quenizeu, também representa a tribo de Judá como parte do grupo de reconhecimento. Ele liderou com os outros 11 para Cades-Barnéia em Números 13. Posteriormente, em Josué, ele tem um papel fundamental na aquisição de terras por Judá e, como tal, parece modelar a assimilação.

Um segundo grupo seriam as tribos que habitavam a terra na época da conquista. O Antigo Testamento aponta claramente que, ao contrário da percepção comum, a nação de Israel não erradicou todos os habitantes da terra durante a conquista. Os gibeonitas formaram uma aliança com Israel por engano.

Eles foram consignados a uma posição de servidão. Especificamente, eles deveriam ser cortadores de lenha e carregadores de água, tanto para os israelitas individualmente quanto para o altar do Senhor. Deus os colocou para trabalhar em Seu tabernáculo como estrangeiros.

Há indícios de que alguns deles se casaram com os israelitas. Outras tribos não formaram alianças, mas não foram expulsas. Por exemplo, Benjamin não conseguiu expulsar os jebuseus, e eles continuaram a morar com os israelitas.

Na verdade, Davi comprou a eira de um jebuseu. Outras tribos cananeias, que são notadas como permanecendo na terra de Manassés, Efraim, Zebulom, Aser e Naftali, são notadas em Juízes 1:27-36. De acordo com os primeiros capítulos dos Juízes, essas tribos eram problemáticas para a nação após a conquista. Seu destino final é desconhecido, embora encontremos indícios de casamento misto, como Sansão se casando com uma mulher filisteia em Juízes 14.

Pode ser que a maior parte dos 153.600 estrangeiros residentes que Salomão numerou e restringiu para ajudar a construir o templo descende daquelas tribos que ocupavam a terra na época da conquista em 2 Crônicas 2. Parece provável que, à medida que Israel se tornou mais organizado por meio da monarquia, essas tribos cananeias que permaneceram tornaram-se falantes de hebraico, casaram-se entre si

e, por fim, perderam sua identidade étnica. Ou seja, foram assimilados como a multidão mista. Embora seja provável que pelo menos alguns desses estrangeiros residentes tenham sido absorvidos religiosamente, essa população diversa pode ajudar a explicar a mensagem arqueológica mista sobre a adoração, bem como a tensão vista em todo o Antigo Testamento em relação a outros deuses. Com relação à questão em questão, parece que esses residentes anteriores continuaram a viver na terra que possuíam antes da conquista e, portanto, geralmente não atendiam às disposições dos estrangeiros residentes.

Se esse fosse o caso, também levanta a possibilidade de que um cananeu poderia ter vendido terras a um não israelita, talvez um imigrante posterior, mas parece muito mais provável que a maioria dos imigrantes posteriores não tivesse terras. Esses futuros imigrantes compõem nosso grupo. Observando a complexidade dos movimentos de pessoas por todo o antigo Oriente Próximo, é provável que um número significativo desses imigrantes tenha entrado na terra ao longo da história da nação.

As diretrizes da Torá proibiam os israelitas de vender suas terras, então, a menos que conseguissem encontrar trabalho, seriam estrangeiros residentes que precisariam dessas provisões de bem-estar. Dois tipos principais de trabalho são sugeridos. Primeiro, eles podem ser artesãos qualificados ou comerciantes que poderiam executar os trabalhos localizados nas comunidades ou cidades maiores.

Segundo, eles podiam trabalhar em qualquer lugar como trabalhadores contratados. A agricultura de subsistência era um trabalho árduo, e a mão de obra disponível limitava a quantidade de terra que um fazendeiro podia trabalhar. Conforme observado em outro lugar, contratar indivíduos para ajudar o fazendeiro a administrar a terra que ele possuía era uma prática comum no antigo Oriente Próximo.

A imigração é difícil neste contexto por várias razões. Primeiro, as fronteiras nacionais eram ambíguas, assim como a cidadania. As pessoas podiam se movimentar livremente, mas, ao mesmo tempo, viajar era difícil e geralmente a pé.

Provavelmente o maior problema seria a comunicação ao entrar em uma região que falava uma língua diferente. Segundo, a vida era essencialmente vivida em um nível local. Isso significa que, na maioria dos casos, a aceitação era determinada dentro da aldeia.

Um estrangeiro que aparecesse em uma vila israelita, fosse ele israelita ou estrangeiro, teria que encontrar trabalho. É provável que isso signifique que ele também encontraria um lugar para ficar. Provavelmente, o migrante ficaria sem teto por algum tempo, mas, como observado acima, isso significava que ele geralmente estaria dormindo e forrageando na natureza, em vez de mendigar nas ruas da cidade.

Terceiro, um estrangeiro provavelmente iria para algum lugar onde ele ou ela pudesse encontrar trabalho para sustentar a si mesmo ou sua família. Geralmente, isso envolveria trabalho manual. Haveria uma variedade de razões pelas quais esses imigrantes poderiam não ter trabalho, como eles terem acabado de chegar, o fazendeiro para quem trabalhavam os deixou ir, ou havia uma fome.

Seja qual for a razão, essas disposições de justiça social forneceram os meios pelos quais eles puderam sobreviver. Então, esses três grupos parecem ter dois pontos em comum. Primeiro, eles estavam sujeitos a sérias dificuldades econômicas e tudo bem, botão errado.

Ah, nós simplesmente perdemos. Eles estavam sujeitos a sérias dificuldades econômicas. Segundo, essas dificuldades econômicas parecem advir de uma falta de recursos, que naquela cultura seriam primariamente terras agrícolas.

Embora frequentemente vejamos a situação como uma falta de terra, notamos que, no caso das viúvas, o problema teria sido a incapacidade de cultivá-la. O mesmo pode ser verdade para os órfãos. No caso dos estrangeiros residentes, a falta de terra parece ser um resultado da proibição contra os israelitas de venderem sua herança.

Embora um estrangeiro residente possa ter trabalhado como operário, isso o tornou vulnerável ao desemprego. Tendo explorado o que sugerimos, o que sugerimos que podem ser normas sociais, e avaliado como esses grupos atípicos estão fora das normas, agora precisaremos avaliar as disposições direcionadas designadas para servir como uma rede de segurança para os atípicos. Mas antes de fazermos isso, queremos encontrar e discutir o conceito de justiça social no abstrato. E essa será a parte três. Obrigado.

Este é o Dr. Michael Harbin em seu ensinamento sobre Justiça Social para Alheios Sociais no Antigo Israel. Esta é a parte dois, Viúvas, Órfãos e Estrangeiros Residentes Definidos.